

Carta a um «nosso distinto colega»

«LIGA DA UNIAO LATINA» — A Liga da União Latina, agremiação literária e artística, com sede em Paris, acaba de agraciar com a medalha de bronze da Ordem Latina o nosso distinto colega Eduardo dos Santos (Eduriza) pelos serviços prestados à França e à Civilização Latina.

de EDUARDO BRAGA

(do «Janeiro» 17-VI-1937).

Excelentíssimo Senhor Eduardo Santos
(Eduriza):

Antes de tudo, mesmo de tudo, permitirá V. Ex.^a que o autor destas apagadas linhas, muito à puridade, declare pertencer ao número daqueles mortais, pobres ignorantes, que, por felicidade (ou infelicidade, se lhe apraz), desconheciam que os seus altos feitos tinham galgado os pátrios lares, a pontos tais que, recentemente, foi penduricalhado ou medalhado por um país (França) onde toda a gente — é de crer — não sabe que o Senhor existe.

E' bem certo ser a ignorância uma coisa muito triste e mais triste, ainda, é — perante factos desta natureza — termos de reconhecer que ninguém é profeta na sua terra, como soe dizer o povo no seu expressivo falar.

Fiquei, pois, varado de espanto, como é natural, ao tomar conhecimento que V. Ex.^a tivera sido agraciado, há pouco tempo, «com a medalha de bronze da Ordem Latina — diz o «Janeiro», de 17-VI-1937, acima transcrito — pelos serviços prestados à França e à civilização latina».

Exultei de contentamento, Senhor Eduardo Santos!

C'os diabos! Tratava-se dum português, portuense ainda por de cima, que merecera tam elevada honraria e tal facto, por si só, justificava o meu aludido contentamento.

Como pertenco, porém, Excelentíssimo Senhor, ao minguado número daquelas pessoas que não assimilam tudo quanto as folhas comportam; e como quer, ainda, que não desconheça como são forjadas, nesta bacharelândia do elogio-mútuo, as tolas e ridículas reputações que por aí abundam este espirito curioso, por mal dos meus pecados, a mim próprio pôs esta indiscreta preguntazinha: «Quais serão, porventura, os serviços que aquele apagado jornalista (?) e distribuidor de elogios terá prestado à França?»

Nenhuns, com certeza. Desserviços conscientemente ou não, sendo a crer que tenha prestado alguns.

V. Ex.^a — faço-lhe esta justiça — será o primeiro a reconhecer que esta afirmativa está longe e muito longe de ser inverídica.

Prossigâmos, no entanto: E se já aquela laracha dos serviços prestados à França tivera produzido uma desoladora impressão em meu espirito, por disparatada e absurda, ousada e petulante, ressumbrando vaidade tola, deixe-me dizer a V. Ex.^a que a outra laracha dos apregoados serviços à civilização latina deixou-me entre incrédulo e admirado.

A' Civilização latina?!...

Lí duas, quatro, seis, dez e vinte vezes aquela meia dúzia de linhas, mas tive de convencer-me que, na verdade, era o que estava estereotipado no miúdo corpo sels do «Janeiro».

Estava lá, estava, tenho a certeza, excelentíssimo Senhor Eduardo Santos (Eduriza).

Tudo quanto atrás deixei rabiscado — já o terá percebido — visa atingir, concretamente, este objectivo: saber a sério quais são, na realidade,

os serviços prestados por V. Ex.^a à França, e, mórmente, à civilização latina.

Do antecedente não consta, nem de perto nem de longe, que as frioleiras que tem posto em letra de fôrma o habilitem à posse de tam elevada como imerecida distinção.

V. Ex.^a, em 1923 ou 24, salvo êrro, trouxe à luz da publicidade (editadas em Vizeu) umas banais e inspidas folhetadas, a despropósito de teatro, onde a sua nula visão crítica ficou, ao que parece, patenteada flagrantemente. Este foi o seu início, enfezadinho, por sinal.

E que aconteceu, depois? Aconteceu esta coisa muito vulgar, muito portuguesa, de aparecerem dois outros nulos que o admiraram e incensaram. Daqui resultou V. Ex.^a tomar gosto à função de crítico enciclopédico e, novo Brunetier de trazer por casa, meteu-se a fazer crítica de tudo, como vamos apreciar.

Mais ou menos por êsse tempo, V. Ex.^a desceu ao povoado — refiro-me ao Pôrto — e sem-cerimoniosamente vai iniciar a sua espampanante função de crítico musical. Só um mixto de ignorância (que é atrevida, como não ignora) e audácia é que poderia te-lo conduzido a tam elevadas cavalarias.

Mas os deuses não dormem. O «Maestro» Hernani Torres, êsse sim, êsse é que merecia uma dúzia de medalhas por haver-lhe demonstrado, Excelentíssimo Senhor, que a crítica musical era terreno defezo a ignorantes do seu quillate.

V. Ex.^a não desanimou. Vai iniciar uma outra faceta de crítico: deita as suas vistas para o teatro e começa a distribuir adjectivos, pródigoamente, em catadupas, aos artistas da sua simpatia, só a esses.

O inimitável Chaby foi excluído desta distribuição. Ainda bem. Digo ainda bem, pois se assim não fôra a frase do «Sarcey de sêbo» ficaria no tinteiro.

O grande Alves da Cunha ia-o comprometendo V. Ex.^a, com a sua adjectivação desnecessária.

Surge, depois, o crítico de arte. Sobre esta modalidade caricata, para dizer tudo, bastará saber-se um pouco daquilo que, baixinho, pelos cafés, dizem (ou diziam) os expositores.

E depois? Depois vai surgir o crítico cinematográfico. Falhou. A crítica cinematográfica exige um somatório de conhecimentos que V. Ex.^a, duzentos anos que viva, jámais poderá adquirir.

Mas ainda não é tudo:

Apareceu-nos em «travesti» de escritor. Aqui, sim, foi inteligente. A oportunidade com que lançou a público aquela pretensa crítica ao trabalho de Alfredo Cortez abria-lhe as portas da Academia. Não pensou nisso?

Resta, finalmente apreciar o crítico literário «bajulador para uns e rancoroso para outros», como disse o Casais Monteiro. Por mais que ambicionasse, ao analisar o crítico literário, sinto a extrema necessidade de afirmar que nada poderia acrescentar às nobres, corajosas e altivas palavras de Casais Monteiro («presença», N.º 49).

Ainda não foquei — ia-me esquecendo — o in-